

Deferido



Poeta BRAULIO CALDAS

Nunca será demais, em respeitoso HOSANA,
Lembrar o Inspirador da FESTA NICOLINA;
E assim este Pregão, na forma BRAULIANA,
Recordará sua alma nobre e diamantina.

As margens do VIZELA, idílicas, virentes,
Deram-lhe estrofes d'ouro, em célicas esperanças,
E hão-de chorá-lo sempre, em nébias plangentes,
—O Egrégio Cantor das «ANDORINHAS MANSAS».

M. S.



1948

BANDO ESCOLÁSTICO

da Festa Académica

o S. NICOLAU

Recitado neste dia 5 de Dezembro, pelo aluno do 5.º ano,
José Augusto Martins Santos.



DOM ARQUIMEDES, PELINTRA, MARACOTÃO E ALEIXO
DA ROCHA PENEDA FERRUGIAL E FREIXO,
ILUSTRE DESCENDENTE, EM LINHA OBLÍQUA, DOS ÚLTIMOS GUERREIROS,
SENHOR DOS VASTOS DOMÍNIOS DE «VALE DE PENEIREIROS»,
DOS VÍNCULOS INALIENÁVEIS DO SOLAR DA «PERMANENTE TESURA»;
FAZ SABER AOS SEUS FIÉIS VASSALOS QUE, POR MERCÊ DE SÃO NICOLAU,
A FESTA NÃO MORREU... AINDA DURA...
E EM NOME DO SAMPAIO E OUTROS MAGNATES,
QUE POR ELA TERÇARAM ARMAS EM COMBATES,
ORDENA-LHES QUE OUVINDO LER O PERGAMINHO,
ONDE HÁ ENSINAMENTOS, RALHOS E GRACETAS,
RUFEM AS SUAS CAIXAS DE MANSINHO...
— COM UMA MÃO SEGUREM BEM OS BOMBOS, COMO ATLETAS,
E SIGAM ALTANEIROS SEU CAMINHO,
BRANDINDO COM A OUTRA AS FORTES MAÇANETAS...

Rapazes, assim é... Promessa e profecia,
Ao **Sampaio** eu ouvi dizer bem alto um dia:
— *Adversos muito embora os designios da sorte,*
Eu hei-de acarinhar a Festa até à morte...

Por ele, que de novo eu vejo entrar em liça,
A' voz de Gratidão e lídima Justiça;
Por el' que a Festa vive e sofre e se amofina,
Ou bem perto de nós, ou por trás da cortina,
A Festa seja, este ano, altiva como dantes...
— Vivei a mocidade em emoções vibrantes!...

«*Tresanda a velharia a nossa antiga usança,*»
Dizem os empatões das rondas dos cafés;
— Olhamos o Futuro em doce confiança,
Temos uma só fé e uma só esp'rança,
— O mundo está *mudado da cabeça aos pés...*

E a conspirata urdida em tramas... à porfia,
Mais uma vez sucumbe à voz da *profecia*.
Da Festa o 'splendor, por que ninguém desmanche,
(Minerva é sempre atenta e o Bom São Nicolau!)
Ouvi o edital, em 'stilo de *revanche*,
A relegar da Festa o que é perverso e mau:

Ressurja uma vez mais o Velho Estatuto
Do século passado — o ano trinta e sete;
Em vão pod'rão tentar; por mais finório e astuto,
Ninguém, seja quem for, na Festa o bico mete...
Mantem-se o Statu quo; p'ra não haver abuso.
Seria extremamente audaz e caricato
Na Festa entrar assim qualquer pelintra intruso,
Sem ter identidade em nosso Sindicato!

Manes do Bráulio amigo, eu quisera,
Em Lira d'oiro sonora e altiva,
Cantar a Festa como outrora era,
Torná-la fogo eterno em chama viva.

Papás do coração, que muito longe estais,
A vida é sempre assim — um temeroso inferno...
Vós, que a mesada a tempo sempre nos mandais,
Tal como se o valor da *Bolsa* fosse eterno,
Mandai-nos, por favor, uns escudinhos mais,
— *Abono de Família em Socorro de Inverno.*

Por Deus, não nos falteis. Só temos uma pista:
O nosso protector — Monteiro Penhorista!

Falido arcópagio, em discussões e brigas,
(Um prestes a findar, virá mais outro ano)
O' tu, que és vão clamor de *Pátio de Cantigas*,
Quando é que perderás o medo ao *Pai Tirano*?
(Calmo bom-senso a quanto amor obrigas!...)

Jogo de rapaziada, em que um atira o *espeto*,
Outro lança a *bilharda*, aquele joga o *Veto*,
Já muito tens sofrido e padeceste, ó tu,
Que deves pôr enfim toda a verdade *O'NU...*

O' roussinol cantor, dos verdes canaviais,
Suspende, por favor, a voz, não cantes mais...

Damas de fina *élite* e graça sem igual,
Eis a *maçã doirada*, ouvi o madrigal:

De jalequilha curta e mangas rendilhadas,
Mudando em fino gosto o traje trivial,
Vós pareceis avós austeras, resignadas...
Figurinhas de Sevres, em cintas delicadas...
Assim 'spalhafatoso e largo esse saial...

Madeixas de azeviche, em alva porcelana,
Brinquilhos de florão, em tufas de grinalda,
Eu julgo contemplar em terra sevilhana,
Rostos de gitanita, o Bairro de Triana,
Idílios de amor na Praça da Giralda.

Cintas à *Pompadour*, laços à *Lavalière*,
Chapéus à *Mazantini*, ó *belas amazonas*,
«*Retratos*» em perfil do grande *La Bruyère*,
Vós tendes o sabor das peças de Molière,
Só vos falta o latim de austeras Sabichonas...

Em piano um minueto, em cravo a serenada,
No peito a refulgir colar de pechisbeque,
Em sala à Luís XV, a rebrilhar, doirada...
Só vos falta o toucado, a sofrega pitada,
A clássica sombrinha, o espampanante leque...

A' prática do Bem eternas devotadas,
Conchitas sin temor, simpáticas, lendárias,
Em másculos perfis de artistas consagradas,
Vós tendes no rondel das típicas touradas,
Salero sin igual de Las Islas Canárias!

Em sonhos julgo ver um régio cortejo
De beleza sem par: liteiras e berlindas...
Boquinhos de carmim abrindo-se num beijo,
O que vos vim dizer não passa dum gracejo...
— *Assim, vós sereis sempre insinuantes... lindas...*

Silêncio, Academia! Uma oração sincera
Por aquela santinha, que o Senhor levou;
Que para todos tão afável era,
Como se fosse a mãe, que nos criou;
Aquele que por nós a própria vida dera...
E a morte há pouco nos arrebatou:
Na glória de Deus, resplendente,
Repouse a nossa Mãe terna e adoptiva;
E que a Saudade, lâmpada votiva,
Nos ilumine a alma eternamente.

Mais um decreto audaz, fatal e tremebundo,
Eu quero anunciar daqui a todo o mundo:

Do clássico latim o adorável texto,
Post tot tantosque tragicos labores,
Outrora era no quarto, agora é só no sexto...
Fortuna vitrea est... O tempora! O mores!

O' Cónegos Doutor's, ó lides liceais,
Ex cathedra locutae sunt voces discentes!
O clássico latim fugiu... não volta mais...
Minerva, veni et vide et vos stupete gentes!...

O' filhas de Abrahão, ó loiras *permanentes*,
Ofélias do Amor, românticas *Julietas*,
Cintos de vespa fina, amáveis, atraentes,
A vós eu vou falar, ouvi minhas gracetas:
Eu sei que vós trazeis, ó cabecinhas ôcas,
Um beijo a palpitar nessas boquinhas loucas...
Dizei-me se gostais do som das guitarradas,
Pela noitada além, em lúgubres toadas,
Amor que canta e ri num coração ardente...
Quisera ser Romeu apaixonadamente...
Costureiras gentis, de peitos anelantes,
Vós sois a perdição dos pobres estudantes...

Dizem, *si vera est fama*, algo de sensacional
Dará brado no burgo e em todo o Portugal.
O *burro do correio*, a bem da Humanidade,
Irá breve atingir o *limite de idade*;
E por sorte feliz, destino bem clemente,
Irá pastar, enfim, *campinas livremente...*
E, por 'special mercê do *Abel da Recoveira*,
Vai ser aposentado co'a *reforma inteira...*

Cortejo sem igual de fúnebres fantoches,
A tal carroça irá para o Museu dos Coches.

Após quadra feliz de autênticas *Farturas*,
Um ano irá surgir de tristes amarguras...
Eu lembro o tempo antigo e *dou certo cavaco*:
Fazia comichões no bolso um só pataco...
Outrora o bacalhau, de lombo ou de badana,
Entrava, em nosso lar, dez vezes por semana...
E então, bem regadinho, ó divinal deleite,
Coçava o apetite aquele fino azeite...
O *fiel amigo*, o arroz, o próprio sabão
Trocaram Portugal por outra região...
Foi trágico ciclone, que por nós passou...
—Tudo desapar'ceu... *Tudo o vento levou...*

Caluda! Por favor! Quem rosna? Quem murmura?
Em conspirata audaz, em conspirata escura?
Não tendes vós, ali, em traça sem igual,
Bairro de fino gosto, Hotel monumental?

Rendidos, hora a hora, alegres, prazenteiros,
Não tendes vós também, ali, nos cruzamentos,
Uma falange ideal de *esbeltos sinaleiros*,
Estátuas de cera, austeros monumentos?

Eu sei o que vós qu'reis, ilustres pioneiros:
Quereis água a granel, modernos saneamentos...
Os últimos, senhor's, serão sempre os primeiros...
Ponde a massinha ao sol... Tereis bons orçamentos...

Se a coisa fosse a voto, eu dava opinião
De o plano se aguardar, da *urbanização*;
Quando ele ressurgir da triste sonolência,
E por fim acordar, sem mais impertinência,
Então ele dirá: *Rever, modificar...*
Mas nunca *destruir...* jamais *escangalhar...*

Os ímpetos sustai, vivei também d'esp'rança...
Sabei 'sperar Senhor's — *quem 'spera sempre alcança...*

Tudo por Guimarães! Avante *Vitorinha!*
Se a vida te não corre... a culpa não é minha...
Tu és do *Foot-bal* expoente bem profundo...
Luta com mais *genica*, e marcarás *ao mundo...*

Falange de Minerva, a vossa lança em riste...
Que a vossa força audaz nenhum poder resiste!
Sonata infernal de trágica harmonia,
Ressoe pelos ar's a fera artilharia!
Sucumba a escravidão no aço das grilhetas,
Ao ímpeto fatal das vossas *maçanetas!*
Da falsa ideologia a concepção bastarda
Destrua duma vez a *atômica bombarda!*
Que o sol, hirto de horror, da sua elipse saia...
Desabem o *Everest*, os *Alpes* e o *Himalaia!*
E que ante o sismo atroz, em obediência aos céus,
Recuem *Mahometanos, Russos e Judeus!*...

5-12-48.

MENDES SIMÕES.



Laus Deo Nicholaoque
Sancto Episcopo!

VISADO PELA CENSURA.

Minerva Vimaranesse. 4-12-48. 1.500 ex.